

CDU 392.91

NOMES DE FAMÍLIA EM BRASILEIROS RESIDENTES NO DISTRITO FEDERAL

José Tavares Neto

INTRODUÇÃO

Na Bahia, observações anteriores^{24, 25} mostraram associação entre nomes de conotação religiosa e os grupos raciais negróides. Os nomes de família classificados, no sentido popular, como de conotação religiosa, representam os nomes de "santos", as diversas invocações a Nossa Senhora, cerimônias, festividades e símbolos católicos. Posteriormente, os nomes de família que tiveram origem nos de planta e animal foram correlacionados com ancestrais indígenas.¹

Em São Paulo, os sobrenomes foram analisados e, utilizando-se de uma outra classificação que não o de significado popular, em: religioso, ibérico, Itálico e com "outros" significados. Por isso retirou do grupo religioso nomes tais como: Santos, Reis e Santana. E nesse sentido, tornou-se difícil a sua comprovação com os outros estudos realizados no Nordeste. Apesar de, também, observar relação entre nomes religiosos e a raça negra.¹⁸

No presente trabalho, foi nosso propósito estudar a associação dos tipos de nomes com algumas características biológicas, numa população muito diversificada, quanto a sua naturalidade.

Material e Métodos

A amostra foi composta de indivíduos com 18 anos ou mais, bra-

sileiros natos e residentes no Distrito Federal (DF), conforme a metodologia de coleta dos dados referida em artigo anterior.²⁸ Os indivíduos classificados em Índios claros e escuros, segundo os critérios de Kriger et al (apud 28), foram grupados em mestiços de Índio.

Os nomes de família (último sobrenome) foram classificados em: de conotação religiosa, de planta/animal e "outros" 1, 24. Este último grupo foi subdividido em: estrangeiro não ibérico (estrangeiro), sobrenome semelhante e prenome, "sem" sobrenome e "outros" (sem significado aparente ou com outros significados).

Os indivíduos com sobrenome semelhante a prenome tinham sempre dois ou mais nomes seguidos ao prenome; sendo, portanto, o último o considerado, como: J. Costa André e V. Mota Gregório. Por outro lado, os considerados "sem" sobrenome tinham um prenome seguido de um nome, que habitualmente é prenome, tal como: M. Teodoro e B. José.

As informações foram analisadas pelo programa SPSS-V8/CPD - Universidade de Brasília, os resultados foram considerados estatisticamente significantes quando o alfa foi $< 5\%$.

Resultados

As 3193 pessoas estudadas correspondiam a aproximadamente 0,5% da população do DF com 18 anos ou mais, em 1980, época do estudo.⁸

Nessa amostra, 49,8% dos indivíduos ($n = 1591$) tinham somente 20 nomes de família e que estão relacionados, por ordem de frequência, na tabela 1, seguidos do respectivo número observado. Todavia, desses, somente 18 (dezoito) nomes tinham frequência igual ou superior a 1%.

Nas tabelas 2, 3, 4, 5, 6 e 7 estão listados os diversos nomes observados quanto ao tipo e em ordem alfabética. Alguns nomes apresentavam mais de uma grafia, como por exemplo, Sousa e Souza, Assumpção e Assunção, Barreto e Barretto, e foram relacionados separadamente.

Contudo, nenhuma pessoa tinha somente o prenome. Portanto, não observamos indivíduos sem sobrenome e os considerados como tal estão enquadrados nos exemplos citados na metodologia.

As frequências dos tipos de nomes, foram as seguintes: Outros - 63,4% ($n = 2025$), Planta/Animal - 17,0% ($n = 543$); Religioso - 13,3% ($n = 424$); Semelhante a prenome - 3,3% ($n = 105$); Estrangeiro - 2,1% ($n = 67$) e "sem" sobrenome - 0,9% ($n = 29$).

Na tabela 8 os indivíduos foram distribuídos quanto ao tipo de nome e grupo racial. A diferença entre eles foi altamente significativa ($X^2_{35} = 607,05$ $p < 0,0005$). Na análise por tipo de nome os indivíduos amarelos e mestiços de Índio foram excluídos da análise devido ao pequeno número

ro. Os nomes de conotação religiosa prevaleceram no grupo negroíde de forma altamente significativa ($p < 0,0005$). Os nomes classificados como: "outros", semelhante a prenome e "sem" sobrenome ($0,60 > p < 0,05$), não apresentavam diferença estatística entre os diversos grupos raciais. Já os nomes estrangeiros e de planta/animal são mais freqüentes entre os brancos (respectivamente, $p < 0,0005$ e $p < 0,02$). Apesar do número pequeno de indivíduos amarelós, a amostra espelha a população de origem asiática residente no DF em 1980 e que era de 0,36%.

De outro modo, os indivíduos com nomes da família que não apresentavam diferença estatística em relação ao grupo racial foram reclassificados em "branco" (branco), "mulato" (mulato claro + mulato médio + mulato escuro) e "negro" (negro). Mesmo assim, os nomes classificados como "outros" semelhante a prenome e "sem" sobrenome, não diferiram em relação aos grupos raciais ($X^2_2 = 0,68$ $p > 0,70$; $x^2_2 = 5,77$ $p > 0,05$ e $x^2_2 = 0,32$ $p < 0,80$, respectivamente).

Na tabela 9 os nomes foram associados ao sexo dos indivíduos, sendo as freqüências estatisticamente diferentes ($X^2_5 = 15,38$ $p < 0,01$). Todavia, cada tipo de nome comparado aos demais, em relação ao sexo, somente evidenciou diferença estatística para o grupo "sem" sobrenome (X^2_1 10,30 $p < 0,005$). Assim, ao retirar da análise o grupo "sem" sobrenome, os demais não apresentavam diferença em relação ao sexo (x^2_4 5,27 $p > 0,20$). Apesar dos nomes de conotação religiosa estarem próximos do limite de significância ($X^2_1 = 3,44$ $p > 0,05$). Na tabela 10 os indivíduos, de acordo com o tipo de nome, foram grupados nas seguintes faixas etárias (em anos): 19 (limite mínimo: 18), 20-39, 40-59 e 60 (limite máximo: 65). Não se observou diferença estatística entre os diversos tipos de nome em relação às faixas etárias ($X^2_{18} = 14,54$ $p > 0,60$), mesmo ao comparar cada tipo de nome nos diversos grupos etários ($0,80$ $p > p > 0,40$), exceto em relação aos indivíduos "sem" sobrenome ($X^2_3 = 8,38$ $< 0,05$). Os do grupo com 40 anos ou mais tinham, percentualmente, quase três vezes mais indivíduos "sem" sobrenome, do que os com 39 anos ou menos. Como entre as faixas etárias 19 e 40-59 anos situa-se o intervalo de tempo de, pelo menos, uma geração: a freqüência de cada nome foi comparada entre essas duas faixas etárias, observando-se diferença estatística, também, somente para os indivíduos "sem" sobrenome ($X^2_1 = 6,62$ $p < 0,02$).

Vale ressaltar a distribuição da amostra por região geográfica, de onde os indivíduos são naturais: Norte ($n = 72$, 2,3%); Nordeste ($n = 1.406$; 44,3%); Sudeste ($n = 928$, 29, 2%); Sul ($n = 49$; 1,5%) e Centro-Oeste ($n = 722$; 22,7%). Para outros 16 indivíduos: a cidade referida não correspondia ao Estado, não foi encontrada na lista do IBGE/1980 ou não sabia informar. De acordo com o Censo de 1980 (13), a população total do D.F. ($N = 1.167.452$) distribuía-se, conforme a região de nascimento (exceto 3.176 pessoas, sem especificação); Norte - 1,1%; Nordeste - 30,8%; Sudeste - 22,9%; Sul - 1,7% e Centro-Oeste 42,7%. Entretanto,

ao considerar somente os indivíduos na faixa etária de 15 a 69 anos ($n = 714,036$; 61,2% da população) a distribuição é a seguinte: Norte – 1,5%; Nordeste – 42,6%; Sudeste – 31,5%; Sul – 2,3% e Centro-Oeste – 21,9% (13), o que se aproxima mais dos percentuais observados na amostra estudada com indivíduos de 18 anos de idade ou mais.

Discussão

Os indivíduos dos grupos raciais negróides tinham uma frequência maior de nomes de conotação religiosa. Essa verificação, portanto, está de acordo com os trabalhos anteriores, realizados na Bahia.^{1, 2, 15, 24} Todavia, como a amostra foi constituída de indivíduos de todas as regiões brasileiras, essa observação, por si, sugere a hipótese de que os mecanismos de adoção desses nomes, entre os descendentes de escravos, foram semelhantes no Brasil. Assim o é mesmo considerando que as regiões Norte e Sul estejam com pequena representatividade, o que, por sua vez, representa bem a constituição da população, por naturalidade, do Distrito Federal.¹³

Apesar das disparidades entre as regiões brasileiras, quanto à aplicação do modelo escravocrata, originadas no tipo de economia colonial e suas conseqüências sociais,²⁰ a Igreja Católica moldou, à sua maneira, Senhores, Escravos, Libertos e Homens Livres.^{10, 11, 23} Muito mais que a Coroa portuguesa, a Igreja nos legou a integração nacional, pelo culto da fé, e muitos dos nossos valores culturais.

Ainda, em terras africanas, os futuros escravos americanos eram batizados e recebiam um prenome cristão.¹¹ Talvez, a Igreja fosse vista pelo escravo como um porto "seguro" para toda a gama de sofrimentos físicos e, principalmente, psicológicos. Daí floresceram as corporações religiosas, as irmandades¹⁶, ao mesmo tempo que os escravos e os seus descendentes recebiam, oralmente, a cultura e a religiosidade africana. Isto, porém, era dificultado não só pela repressão como pela origem étnica diversa e que não raro gerava conflitos.¹⁶

Neste contexto, a Igreja favorecia o "reconhecimento" do escravo, quando de há muito reconhecia o sistema escravocrata. Ao tempo em que o escravo, nessa situação, fazia sobreviver a sua religiosidade, através da religião dominante.⁵ Deste modo, o sincretismo religioso teve grande impulso. Essas duas religiões, oficial e nativa, coexistiam paralelamente^{5, 6} e, de certa forma, fortaleceram o próprio sistema escravocrata. Porém, apesar da notória influência da Igreja na formação brasileira, ainda é incerta o porquê da preferência por nomes religiosos entre os negros e seus descendentes.

Com o passar do tempo, injunções de ordem econômica e política levaram a progressivas e lentas mudanças sociais. Em sua quase totalidade, geradas ou em conseqüência de determinações além mar e es-

trangeiras. Assim, negros e mulatos "nascem" livres e alforriados.^{7, 9, 12, 16, 20}

À medida, portanto, que o negro e o mulato, principalmente, integravam-se à sociedade, buscavam adquirir a sua própria identidade. Dela fazia parte, também, ter um nome "completo". E isto foi, provavelmente, gradual. Ainda no século XIX a maioria dos escravos alforriados não tinha sobrenome²⁴. No Rio de Janeiro, em meados do nosso século, a frequência dos doadores de sangue sem sobrenome, quanto ao grupo racial era: brancos – 5,6%; mulatos – 8,5% e negros – 17,3%.¹⁵ Na Bahia, ⁴ nos atestados de óbitos de indivíduos que faleceram no período de 1950–1959 todos tinham sobrenome, ao contrário dos períodos de 1880 – 1899 e 1920 – 1929, onde respectivamente, 32% e 7% não o tinham.

Entre nós, não encontramos indivíduos somente com o prenome. De certa forma, a revolução industrial brasileira, a partir da década de 40, levou progressivamente a que essa situação não mais fosse observável, devido às mudanças sociais ocorridas, ao aumento da população urbana, às exigências legais e burocráticas do porte de documentos.

Mesmo considerando que os indivíduos, classificados como "sem" sobrenome, fossem descendentes mais próximos de escravos, não observamos frequência maior nos grupos negróides. Até mesmo quando comparamos entre brancos e não-brancos. Obviamente, as conclusões para esse grupo serão limitadas, em consequência do pequeno tamanho da amostra. Chama a atenção, porém, a frequência maior desses indivíduos no grupo com mais de quarenta anos de idade, levando-nos a suspeitar da adoção de um sobrenome para as gerações filiais. Isto ficou mais evidente ao comparar duas gerações distintas, quando a frequência dos indivíduos "sem" sobrenome foi maior entre os de 40–59 anos de idade. Os demais tipos de nomes não apresentavam essa variação temporal. Assim sugerimos, num trabalho futuro, o estudo dos sobrenomes, através das gerações, seguindo principalmente os indivíduos do sexo masculino. Já que não adquirem um outro sobrenome com o casamento.

Por outro lado, os nomes caracterizados como semelhantes a prenome eram mais frequentes, à medida que aumentava o componente caucasóide, sem todavia alcançar significância estatística e que, também, não apresentava diferenças em relação ao sexo e à idade. Entretanto, a suposição inicial era de que esses indivíduos fossem descendentes mais próximos dos considerados por nós como "sem sobrenome", apesar dos dados disponíveis não afastarem por completo essa hipótese. A sua relação maior com o grupo racial branco não era esperada, entre as hipóteses iniciais. Uma especulação, com base nesse achado, que o sobrenome semelhante ao prenome tenha o sentido de homenagear um ancestral e que a população branca estivesse mais susceptível a esse tipo de motivação ao contrário dos mulatos e negros, que teriam no sobrenome, que é prenome, uma forma de identificação. Porquanto, nesses últimos, o sobrenome (prenome) poderia ter surgido, entre a população escrava,

como: José filho de Maria, Lourença escrava de Jerônimo (em relação ao Senhor, local de nascimento ou o nome do pai/mãe). Inclusive, também, muitos desses nomes têm uma forte conotação religiosa (Crispim, Damião).

Este mecanismo de adoção, por certo, existiu (ou até existe) em relação ao local do nascimento, associado ao (a) Santo (a) padroeiro(a). Tanto assim, a observação freqüente do sobrenome Ribamar, entre os nascidos no Maranhão, onde o Santo padroeiro mais conhecido é São José do Ribamar ou no Ceará com o sobrenome Chagas, de São Francisco das Chagas.

Neste sentido voltamos à limitação na classificação dos nomes de conotação religiosa, na medida que, para cada Estado brasileiro, e mesmo no Estado, o conhecimento popular é variável. Como por exemplo, Ribamar e Chagas, podem ter maior ou menor conotação religiosa e isto muito na dependência das festas, símbolos e Santos (Santas) padroeiros de cada local.

Assim, sendo possível estabelecer escores de - 2 a + 2, por exemplo, para determinado nome poder-se-ia tipá-lo religioso no Amazonas com escore + 2, em Santa Catarina 0 (zero) e em Sergipe + 1. Isto aplica-se, também, aos nomes de planta/animal que, como os religiosos, sejam conhecidos ou reconhecidos popularmente com esse ou aquele significado. Deste modo, um mesmo nome poderia ser classificado como religioso no Amazonas e sem esse significado em Santa Catarina. Contudo, muitos nomes têm o mesmo significado popular, independente da região ou Estado; e as nossas observações no DF, apesar da pluridade quanto à naturalidade, reforçam a uniformidade nos critérios de adoção dos nomes de família; principalmente os de origem religiosa. Assim, pesquisadores de outras regiões brasileiras poderiam sistematizar a classificação dos nomes de família, observando essas peculiaridades advindas do regionalismo, já que o nome de família é um indicador genético e, também, cultural³ e que, posteriormente, possamos ter uma classificação brasileira dos nomes de família, com seu sentido popular. Porquanto, o seu estudo servirá à genética das populações brasileiras, bem como ao próprio resgate da nossa História e Cultura.

Os nomes de conotação religiosa no DF têm forte associação com os grupos raciais negróides, apesar de inferior à do Estado da Bahia.²⁴ Isto em decorrência da origem, bastante diversa, dos indivíduos da presente amostra.

A diminuição da freqüência dos nomes religiosos no grupo negro (18,5%), também foi verificada em trabalho anterior²⁴, na Bahia, em relação aos nomes Santos, Jesus e Santana. Para esse grupo racial, esperava-se que estivessem os indivíduos mais aparentados com os escravos libertos e alforriados, quase sempre sem sobrenome e, por isso, a adoção do nome seria o do Senhor (de escravos), como popularmente conhecesse como mecanismo preferencial de adoção²⁴. Porém a "recordação" de-

ve-se à proximidade do tempo com o mecanismo preferencial do fim do século XIX. Entretanto, em épocas anteriores, pela análise das cartas de alforria,²⁴ o mecanismo preferencial foi o nome religioso e diferente do Senhor, respectivamente, 39,1% e 59,5% nos séculos XVIII e XIX.²⁴

Vale ressaltar que, na amostra, os naturais do Estado da Bahia (n = 239) equivaliam a 7,5% da amostra total, ou 18,2% da população nordestina. Assim, as comparações com trabalhos realizados no Estado da Bahia devem ser cautelosas, principalmente em decorrência das variações regionais.

A adoção do sobrenome, independente da preferência por qualquer tipo, continua a existir até os nossos dias, em grau menor. De acordo com a frequência progressivamente menor de indivíduos "sem sobrenome",⁴ a observação anterior²⁴ e a atual, próxima ao limite de significância, do maior número de mulheres com sobrenome religioso e a frequência significativa de indivíduos considerados "sem" sobrenome nos grupos etários mais velhos.

No Brasil, os indivíduos das diversas raças, que contribuíram na formação das populações, podem ser divididos em dois grandes grupos, em relação ao nome de família: os que mantiveram o nome de família, transmitindo aos seus descendentes (europeus e asiáticos) e os que tiveram que adotar um sobrenome cristão ou ocidental, por imposição ou adaptação social (africanos e índios). Obviamente, algumas exceções são conhecidas no primeiro grupo, como brasileiros brancos movidos pelo ufanismo nacionalista e judeus cristãos novos.^{10, 19}

Assim sendo, os negros escravos e os índios, no processo gradual de integração social, adotaram um sobrenome. Os mecanismos preferenciais, pouco a pouco ficam mais evidentes. A preferência por nomes de conotação religiosa e de planta/animal, apesar das considerações anteriores, foi uniforme no Brasil, aparentemente.

Em 801 índios os nomes completos estavam assim divididos²⁶: sem sobrenome e com prenome não-índio (56,2%); com sobrenome sem conotação religiosa e prenome não-índio (11,9%); com sobrenome de conotação religiosa e prenome não-índio (2,7%); sobrenome índio diferente do nome da tribo de origem e prenome não-índio (6,9%) e nome completo indígena (22,3%).

No presente trabalho, a frequência dos nomes de planta/animal foi de 16,7% nos mestiços de índios, sendo entre os brancos de 19,1%. Porém, a frequência foi irregular entre os mulatos e os negros. Por outro lado, nos grupos raciais, inicialmente, analisados e constantes da tabela 8, a diferença entre eles foi significativa.

Não dispomos de dados para explicar tais diferenças entre a presente amostra e as observações verificadas no Estado da Bahia.³ Em ambas as amostras, todavia, o grupo branco tem maior frequência de nomes de planta/animal. Mas, no Estado da Bahia esses nomes têm frequência proporcionalmente menores com o aumento do componente ne-

gróide, o que não verificamos. Entretanto, o grupo indígena é extremamente heterogêneo, étnica e culturalmente.²¹ Por certo, dentro do processo de colonização, a sua miscigenação, com os demais elementos aqui chegados, ocorreu em épocas diversas e mais precocemente, nas áreas próximas ao litoral.²² Os nomes de planta/animal, contudo, não têm diferença, em sua frequência, em relação ao sexo e às faixas etárias analisadas.

Todavia, como pode ser observado nos dados antes citados, a adoção de nome religioso não é preferencial entre os índios e que uma parcela importante (22,3%) ainda permanece com um nome índio. E nesse grupo, os indivíduos à medida que se integram podem adquirir um dos tipos de sobrenome, ou em etapas intermediárias um prenome ocidental ou um prenome ocidental associado a um outro prenome. Provavelmente, os escravos passaram por fases semelhantes.

Aqui um aspecto intrigante e que não temos explicação: sendo os índios, desde o início da nossa História, protegidos pela Igreja, por que a adoção de sobrenomes religiosos católicos não foi o mecanismo preferencial? Ou entre os negros a motivação de adotar nomes religiosos tem outras origens, que não a influência da Igreja Católica?

Por certo, muitos brasileiros ainda não conseguiram a sua identidade jurídica, onde está embutido o próprio nome. Pelo menos, a adoção do sobrenome continua uma situação atual. Mesmo subtraindo os indivíduos filhos "ilegítimos", adotivos e menores abandonados. Porquanto, em trabalho anterior²⁴ verificaram-se diferenças nas frequências de nomes entre os sexos. Isto, portanto, não seria o esperado, caso a situação fosse de equilíbrio. No presente trabalho, os indivíduos "sem" sobrenome prevalecem entre os homens, em quase cinco vezes. Observamos com relativa frequência que, em muitos casais independente do tipo de "união", nos municípios de Catolândia e nos povoados de Água Quente, Brejo do Espírito e Brejão (município de Santa Maria da Vitória), Estado da Bahia, as meninas recebem o sobrenome da mãe e os meninos do pai.

A presente amostra foi constituída de indivíduos com 18 anos ou mais e, na faixa etária com 19 anos, somente um indivíduo foi observado "sem" sobrenome. De acordo com o PNDA/DF¹⁴ o número de indivíduos casados era, proporcionalmente, maior a partir dos 20 anos. Assim, muito provavelmente, os indivíduos "sem" sobrenome eram em sua maioria casados. Deste modo, o encontro de um menor número de mulheres "sem" sobrenome leva-nos à suposição que já adquiriram o sobrenome do cônjuge. Desde que, a herança do nome de família, na nossa sociedade, de modo geral, segue a linha paterna, como em outras sociedades ocidentais.¹⁷

Em contrapartida, aqueles indivíduos grupados entre os que mantiveram o seu nome de família após imigração, os mais fáceis de serem rastreados são os portadores de nomes estrangeiros (não-ibéricos). Após a exclusão dos indivíduos amarelos, pelas razões expostas, os indivíduos

com sobrenome estrangeiros apresentaram uma nítida diminuição da frequência, à medida que aumenta o componente negróide. No grupo negro não encontramos nenhum indivíduo com esse tipo de sobrenome e que entre os brancos correspondia a 3,2%. Esse grupo, aparentemente, não foi alvo dos mecanismos preferenciais de adoção de sobrenome, ao contrário dos demais grupos raciais. Assim, essa associação poderá tomar-se bom indicador da presença de caucasóides não-ibéricos. Também as frequências são semelhantes no decorrer das gerações analisadas e quanto à distribuição sexual.

Os dados da tabela 1 foram ilustrativos, considerando os dez sobrenomes mais frequentes, ao comparar-se os do Nordeste (NE) e os da Bahia.²⁴ Nestas duas últimas amostras os nomes foram os mesmos, exceto pela ordem de frequência e o nome Almeida observado na oitava posição no NE e que na Bahia era ocupado por Nascimento. Já na amostra do DF os nomes Jesus (n = 21), Conceição (n = 8) e Santana (n = 16), que eram frequentes naquelas amostras e estavam entre os dez primeiros, não ocupavam posições de destaque (frequência inferior a 1%).

Pelas características da população do Distrito Federal, a sua distribuição racial,²⁷ talvez se aproxime mais da observada no Brasil. Isto, em parte, explica as diferenças observadas com trabalhos anteriores referentes aos nomes de família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AZEVEDO, E.S. The anthropological and cultural meaning of family names in Bahia, Brazil. *Curr Anthropol* n. 21, p. 360-363, 1980.
- 2 AZEVEDO, E. S. et al. Spread and diversity of human populations in Bahia, Brazil. *Human Biology* n. 54, p. 329-341, 1982.
- 3 AZEVEDO, E. S. Sobrenome no nordeste e suas relações com a heterogeneidade étnica. *Estudos Econômicos*. n. 13, p. 103-116, 1983.
- 4 AZEVEDO, E. S. e FORTUNA, C.M.M. 1983, op. cit. *Ciência Cultural* n. 36, p. 753-758, 1984.
- 5 BASTIDE, R. *O Candomblé da Bahia*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1978. (Brasiliana, v. 313).
- 6 BOA NOVA, A. C. Considerações sobre o culto católico de Maria. *Ciência Cultural*. n. 30, p. 1064-1075, 1978.
- 7 CHIAVENATTO, J. J. *O negro no Brasil: da senzala à guerra do Paraguai*. 2 ed. Brasiliense, 1980. 259 p.
- 8 CODEPLAN/GDF. *Anuário Estatístico do Distrito Federal*. 1981, 479 p.
- 9 HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, 154 p.

- 10 FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. 19 ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1978. 572p.
- 11 GOULART, M. *A Escravidão Africana no Brasil: das origens à extinção do tráfico*. 3 ed. Alfa-Omega, 1975, 300p.,
- 12 IANNI, O. *Escravidão e Racismo*. Ed. Hucitec, 1978, 142p.
- 13 IBGE – *Censo Demográfico: Distrito Federal*. v. 1, n. 26, T.4, 1982.
- 14 IBGE/PNAD. 1981, *Distrito Federal*. IBGE, v. 5, T. 10, 90 p. 1982.
- 15 JUNQUEIRA, P.C. & WISHART, J. P. *Distribuição dos grupos sanguíneos ABO em brancos, mulatos e negros do Rio de Janeiro, de acordo com a presença ou ausência de sobrenome*. *Revista Clínica de São Paulo*. n. 34, p. 79–83, 1958.
- 16 MATTOSO, K. *Ser Escravo no Brasil*. Brasiliense, 1982, 267 p.
- 17 MENCKEN, H. L. *The American Language*. New York: Alfred A. Knopf., 1936.
- 18 NAOUM, P. C. *Hemoglobinopatias no Estado de São Paulo. Métodos de estudo, prevalência, distribuição geográfica e relações histórica e antropológicas*. São José do Rio Preto, 1982, 279 p. | Tese. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
- 19 NOVINSKY, A. *Cristãos novos na Bahia: 1624–1654*. São Paulo: Perspectiva, 1972. 238 p.
- 20 PRADO JR., C. *História Econômica do Brasil*. 26 ed. Brasiliense, 1981.
- 21 RIBEIRO, D. *Os Índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 512 p.
- 22 SALZANO, F. M. & FREIRE-MAIA, N. *Populações brasileiras: aspectos demográficos, genéticos e antropológicos*. Nacional/USP., 1967. 177p.
- 23 SKIDMORE, T. E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Paz e Terra, 1976. 332 p.
- 24 TAVARES-NETO, J. & AZEVEDO, E. S. Racial origin and historical aspects of the family names in Bahia, Brazil. *Human Biology* n. 49, p. 287–299, 1977.
- 25 TAVARES-NETO, J. & AZEVEDO, E. S. Family names and ABO blood group frequencies in a mixed population of Bahia, Brazil. *Human Biology* n. 50, p. 361–367, 1978.
- 26 TAVARES-NETO, J. *Estrutura dos nomes de família em índios*. *Anais 33ª reunião SBPC*, Salvador, 1980, p. 706.
- 27 TAVARES-NETO, J. *Frequência dos grupos raciais no Distrito Federal, Brasil*. *Ciência Cultura*. n. 32, p. 258–361, 1980.
- 28 TAVARES-NETO, J.; NAOUM, P. C.; ADORNO, J. ASSAD, A; AZEVEDO, P.; BRITO, F.; CALDAS, M.; COUTO, M; COSTA, K.; GONZALEZ, A.; MARTINELLI, C.; MORTOZA, L.; REIS, F.; SILVA, P. & VIEIRA, M. Hemoglobinopatias no Distrito Federal. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*. n. 14, p. 31–36, 1985.

TABELA 1

Os vinte nomes de família mais freqüentes no Distrito Federal, Brasil

Silva (411); Santos (190); Oliveira (150); Souza (130); Lima (84); Costa (68); Araújo (60); Nascimento (50); Pereira (47); Almeida (44); Ferreira (43); Rocha (43); Carvalho (42); Vieira (39); Rodrigues (37); Souza (37); Alves (32); Barbosa (32); Ribeiro (27); Gomes (25).

Rodrigues e Rodriguez (3).

TABELA 2

Nomes de família de conotação religiosa no Distrito Federal, Brasil.

Anjos; Anunciação; Assis; Assumpção; Assunção; Baptista; Batista; Belém; Bento; Bispo; Boaventura; Bonfim; Bomfim; Chagas; Conceição; Cruz; Dores; Jesus; Livramento; Luz; Nascimento; Nazareno; Neves; Paixão; Passos; Ramos; Reis; Sacramento; Sampaio; Santana; Santarém; Santiago; Santos; Serafim; Trindade.

TABELA 3

Nomes de família com "outros" significados no Distrito Federal, Brasil

Abrantes, Abreu, Adomo, Afonseca, Aguiar, Alarcão, Alarião, Albuquerque, Alcântara, Alencar, Almeida, Alvarenga, Alves, Amaral, Andrade, Antunes, Aragão, Araújo, Areba, Aroucha, Araes, Avila, Azeredo, Azevedo, Baltar, Bandeira, Barbosa, Barcelos, Barretos, Barreto, Barretto, Barros, Barroso, Barro, Belchior, Bellaguarda, Bernardes, Bijos, Boima, Bolonha Borba, Borges, Borge, Botelho, Bragança, Bragas, Braga, Branco, Brandão, Brasil, Braz, Bretas, Brilhante, Brito, Bugas, Cabral, Caixeta, Caldas, Caldeira, Câmara, Camargos, Campache, Cançado, Caporal, Caramão, Cardoso, Carmona, Casado, Cassaro, Castro, Catunda, Cavalcante, Cavalcanti, Cerqueira, Chaves, Cintra, Colares, Cornel, Correa, Correia, Costa, Cota, Coutinho, Couto, Cunha, Dantas, Daquila, Delgado, Dias, Diniz, Domingues, Dourado, Duarte, Dumonte, Duque, Durães, Dutra, Ennes, Espindola, Estuqui, Farias, Faria, Feijó, Feitosa, Feitoza, Felix, Fernandes, Fernandez, Ferraz, Ferrelra, Florencio, Fonseca, Fontenele, Fontenelle, Fontoura, Fraga, França, Frazão, Freire, Freitas, Frota, Galvão, Gama, Garcês, Garcez, Garcia, Goes, Gois, Gomes, Gonçalves, Gondim, Gonzalez, Gouveia, Grareira, Gualberto, Guedes, Guelberto, Guimarães, Guitierrez, Gusmão, Jalez, Janiques, Lacerda, Landim, Landin, Laures, Leal, Leilos, Lelis, Lemos, Linhares, Lino, Lins, Lira, Lisboa, Lopes, Lourenço, Loureno, Louza, Louzeira, Louzeiro, Luna, Luso, Macedo, Machado, Magalhães, Maia, Malheiros, Mares, Marinho, Marques, Marra, Martins, Mascarenhas, Matias, Medeiros, Meira, Meireles, Melo, Mendes, Mendonça, Menezes, Mesquita, Miranda, Monteiro, Monte, Moraes, Morais, Morato, Moreno, Mortoza, Mota, Motta, Mourão, Moura, Mundin, Naves, Negreiros, Neres, Neri, Nery, Nóbrega, Norin, Noronha, Nunes, Pacheco, Paes, Paim, Paiva, Pajeu, Pantaleão, Parente, Peborim, Pedrosa, Peluso, Peniche, Pessoa, Pimentel, Pina, Pires, Pitaluga, Pontes, Porfiro, Portela, Porto, Pova, Prado, Queiroga, Queiroz, Querré, Quinta, Quintella, Quirino, Rabela, Rabelo, Rambo, Ramirez, Real, Rego, Resende, Rezende, Ribeiro, Rios, Rocha, Rodovalho, Rodrigues, Rodriguez, Romanha, Roma, Roriz, Ruas, Sales, Salgado, Salles, Sanches, Saraiva, Sarmento, Sa, Serejo, Serindó, Serqueira, Silva, Silveira, Simi, Siqueira, Soares, Sobreiro, Soscoa, Sousa, Souto, Souza, Spinola, Sul, Suriano, Tavares, Taveira, Teixeira, Teles, Tinoco, Toledo, Tombasco, Tominaga, Topa, Torres, Tosta, Tostes, Toti, Trilho, Tunes, Valente, Vale, Vanderley, Vasconcelos, Veiga, Veloso, Ventoura, Veras, Verissimo, Viana, Viçosa, Vidal, Vieira, Vilas, Villanova, Ximenes, Zago.

TABELA 4

Nomes de família de origem em planta/animal no Distrito Federal, Brasil

Amora, Amorim, Bezerra, Cação, Campos, Carneiro, Carvalho, Coelho, Coqueiro, Cordeiro, Falcão, Feijão, Figueira, Figueiredo, Figueredo, Flores, Flor, Jatobá, Leite, Lima, Lobo, Loureiro, Madeira, Mangabeira, Matão, Mata, Matos, Matta, Melão, Millome, Moita, Moreira, Nogueira, Oliveira, Passarinho, Peixoto, Pelicano, Pena, Pereira, Pimenta, Pinheiro, Pinho, Pinto, Pitombeira, Pombo, Ramalho, Rosa, Sena, Senna, Sucupira, Timbó.

TABELA 5

Nomes de família estrangeiros não ibéricos no Distrito Federal, Brasil

Andreaza, Batistoni, Benazzi, Bitencourt, Calvanoro, Cohen, Dolghi, Dudeck, Fagioli, Falcon, Forechi, Friche, Grimello, Hazanas, Ienaga, Ishikawa, Isaiyana, Hito, Koetz, Kokay, Kososki, Latour, Loss, Lorensi, Lorentz, Madacai, Massatalerz, Mazonio, Millions, Nakamura, Naous, Nasiasene, Okuyama, Palaci, Pangella, Patti, Paulucci, Pilicie, Pinnola, Povala, Prejals, Rayol, Rossi, Sakaio, Sakurai, Sanson, Sawada, Scalon, Scandiuss, Schrorder, Sevellis, Spindler, Spinelli, Trifigli, Uchigasaki, Uejo, Vamaguchi, Van Veppo, Vilardi, Wernay, Yamada.

TABELA 6

Nomes de família semelhante a prenome no Distrito Federal, Brasil

Abraão, Agostinho, Alberto, Amâncio, André, Arquimínio, Avelino, Bemardo, Caetano, Carsiano, Cassimira, Celeste, Clemente, Cleto, Crispim, Cyrillo, Damasceno, Damião, David, Esteves, Eudes, Evaristo, Felinto, Galeno, Gino, Gonçalves, Gorgozinho, Gregório, Honório, Inácio, Inocência, Jacques, Jaime, Jorge, Laerte, Lázaro, Lucas, Maciel, Marmeldo, Marcelino, Mateus, Máximo, Moacyr, Onório, Paula, Paulino, Paulo, Ricardo, Rinaldo, Romão, Rosalba, Rufino, Sabino, Salomão, Silvério, Simão, Sínesio, Társo, Teodulo, Tiago, Ubaldo, Valcácio, Valdevino, Verano, Vera, Vicente, Virgínia, Viscente, Vitorino, Xavier.

TABELA 7

Nomes de indivíduos "sem" sobrenome no Distrito Federal, Brasil.

Adriano, Alexandre, Brasílio, Benedito, Bernardino, Bonifácia, Cassiana, Custódio, Diogo, Eduardo, Feliciano, Felipe, Felisberto, Jerônimo, José, Maria, Maurício, Miguel, Nacelio, Otaviano, Rafael, Raimundo, Roberto, Teodoro, Teresinha, Valdir.

TABELA 8

Distribuição dos tipos de nomes de família, em relação ao grupo racial, no Distrito Federal, Brasil

Nome	Grupo racial						Total	$\chi^2/4$	P	Mestiço Amarelo		Total
		Branco	Mulato claro	Mulato médio	Mulato escuro	Negro				de índio		
Religioso	n	120	154	72	44	22	412	69,04	12	-	424	
	%	8,7	14,9	16,3	29,5	18,5	13,2	<0,0005	2,8	-	13,3	
"Outros"	n	888	657	294	80	72	1991	8,82	31	3	2025	
	%	64,2	63,7	66,7	53,7	60,5	63,8	>0,05	1,5	0,2	63,4	
Planta/ animal	n	264	174	53	21	22	534	13,04	9	-	543	
	%	19,1	16,9	12,0	14,1	18,5	17,1	<0,02	1,6	-	17,0	
Estran- geiro	n	44	6	3	1	-	54	33,40	-	13	67	
	%	3,2	0,6	0,7	0,7	-	1,7	<0,0005	-	19,4	2,1	
Seme- lhante prenome	n	55	33	13	1	1	103	9,24	2	-	105	
	%	4,0	3,2	2,9	0,7	0,8	3,3	<0,05	1,9	-	3,3	
"Sem" Sobre nome	n	12	7	6	2	2	29	2,64	-	-	29	
	%	0,8	0,7	1,4	1,3	1,7	0,9	>0,60	-	-	0,9	
Total	n	1383	1031	441	149	119	3123	607,05	54	16	3193	
	%	100	100	100	100	100	100	<0,0005	1,7	0,5	100	

TABELA 9
Distribuição dos tipos de nomes de família em relação ao sexo,
no Distrito Federal, Brasil

Tipo de Nome		Sexo Masculino	Feminino	χ^2_1 / P
Religioso	n	218	194	3,44
	%	12,2	14,5	>0,005
"Outro"	n	1160	831	2,90
	%	65,0	62,1	>0,005
Planta/animal	n	297	237	0,60
	%	16,7	17,7	>0,40
Estrangeiro	n	29	25	0,26
	%	1,6	1,9	<0,60
Semelhante a	n	55	48	0,60
Prenome	%	3,1	3,5	>0,40
"Sem" sobre-	n	25	4	10,30(A)
nome ^(b)	%	1,4	0,3	<0,005
Total	n	1784	1339	15,38
	%	100,0	100,0	<0,01) (g.1.5)

(a) c. Yates!

(b) Retirados da análise: $\chi^2_4 = 5,27$ P > 0,20

TABELA 10
Distribuição dos tipos de nomes de família
pelas faixas etárias dos indivíduos, no Distrito Federal

TIPO DE NOME						Total	(A.C.)	
		≤19A	20-39	40-59c	≥60		X ² ₃ /P	X ² ₁ /P
Religioso	n	71	228	92	21	412	1,75	1,17
	%	13,9	13,6	11,8	14,1	13,2	>0,60	>0,20
Outros	n	337	1068	497	89	1991	1,72	1,51
	%	65,8	63,4	63,9	59,3	63,8	>0,60	>0,40
Planta/ Animal	n	84	285	136	29	534	0,84	0,25
	%	16,4	16,9	17,5	19,3	17,11	>0,80	>0,60
Estrangeiros	n	7	30	15	2	54	1,18	0,58
	%	1,4	1,8	1,9	1,3	1,7	>0,60	>0,40
Semelhante a prenome	n	12	59	25	7	103	2,59	0,84
	%	2,3	3,5	3,2	4,7	3,3	>0,40	>0,30
"Sem" Sobrenome	n	1	13	13	2	29	8,38	6,62*
	%	0,2	0,8	1,7	1,3	0,9	<0,05	<0,02
Total	n	512	1683	778	150	3123	=14,54	
	%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	>0,60	(gl. = 18)

(*) c. Yates